



# COMO FAZEMOS A EXPERIÊNCIA DE NOSSAS SEXUALIDADES HOJE? CORPO, PEDAGOGIA E CULTURA DE SI EM GIRL FROM RIO, DE ANITTA

## HOW DO WE MAKE THE EXPERIENCE OF OUR SEXUALITIES NOWADAYS? BODY, PEDAGOGY AND CULTURE OF THE SELF IN GIRL FROM RIO, BY ANITTA

Nilton MILANEZ<sup>1</sup>

### RESUMO

A cultura de si, a questão do presente e a experiência como elemento histórico na constituição do sujeito formam o canteiro teórico deste artigo. Tomarei essa visada para discutir em nossa atualidade o uso dos prazeres no campo da sexualidade, marcado por formas de contenção e procedimentos de coação dentro do quadro dos Estudos Discursivos Foucaultianos. Não obstante, destaco a sexualidade como campo do saber vinculada a uma cultura de si, submetida a uma pedagogia do sexo baseada em normatizações e sanções, mas que a ultrapassam ao alavancar uma ação política em torno da cultura do corpo. Desse modo, o corpo se torna o eixo central sobre o qual circulam formas de governo e atitudes pedagógicas que cerceiam a liberdade do sujeito. Veremos, diferentemente, como a música pop brasileira, em especial, como as audiovisuais do videoclipe de Anitta, *Girl from Rio*, se utiliza da prática de uma cultura de si na qual o sujeito rompe com as restrições pedagógicas do passado dos anos 1960, quanto às práticas corporais e aos modos afetivo-sexuais de gerenciamento. Proponho, portanto, um tipo de cuidado de si que liberta o sujeito de normalizações sociais limitadoras de novas subjetividades no campo da sexualidade.

---

<sup>1</sup> Professor Pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana no Departamento de Letras e Artes. Coordenador do LABEDISCO/CNPq - Laboratório de Estudos do Discurso e do Corpo. <https://orcid.org/0000-0002-1669-0304> E-mail: [nilton.milanez@gmail.com](mailto:nilton.milanez@gmail.com)



## PALAVRAS-CHAVE

cultura de si; corpo; pedagogia; audiovisuais; Girl from Rio.

## ABSTRACT

The culture of the self, the question of the present and the experience as a historical element to the constitution of the subject form the theoretical domain of this article. I will take this path to discuss from our timeliness the use of pleasures in the terrain of sexuality, marked by ways of contention and procedures of coaction in the Discursive Foucauldian Studies. Nonetheless, I highlight the sexuality as a field of knowledge linked to a culture of the self, submitted to a pedagogy of the sex based on normatizations and sanctions, which encourage a political action towards the body culture. Thus, the body becomes a central axis where gravitates forms of government and pedagogical attitudes which block the subject freedom. We will verify, on the other hand, how the Brazilian pop music, particularly, how the audiovisualities by Anitta's videoclip, *Girl from Rio*, uses the practice of a culture of the self in which the subject breaks with the past pedagogical constrictions of the '60s, concerning the body practices and affective-sexual ways of management. I propose, therefore, a type of care of the self which frees the subject of social normalizations which limit new subjectivities in the field of sexualities.

## KEYWORDS

culture of the self; body; care of the self; pedagogy; audiovisualities; Girl from Rio.

## GIRL FROM RIO: OBJETO E QUESTÕES

A produção das audiovisuais nos dias de hoje é, para mim, objeto de um cuidado de si, sob a forma concebida no quadro da cultura helenística, firmando para nós, sujeitos, um modo de conhecimento em direção à preocupação consigo próprio. Trata-se de se pensar as audiovisuais como modo de ocupar-se de si mesmo, entendendo seus domínios no que diz respeito a práticas libertárias, que fazem, é claro, revolver técnicas de dominação históricas, que se materializam em imagens e dizeres. Esse conjunto de atitudes diante das audiovisuais nos introduz, acima de tudo, a uma experiência que o sujeito vive consigo



próprio em relação ao outro. Assim, as audiovisualidades podem refratar em vários primas um pouco sobre o tipo de experiências que parecem constituir o campo de nossas sexualidades.

Escolhi como objeto de discurso para esta reflexão o videoclipe *Girl from Rio*, de Anitta, lançado em 30 de abril de 2021, audiovisualidade de ampla visibilidade e recepção de ouvintes da música pop no Brasil, o que demonstra a larga escala de circulação dos saberes sobre as produções dos corpos nas audiovisualidades. Tomar as materialidades das audiovisualidades nos coloca sempre um problema. Esbarramos nos direitos de imagens. E, mesmo não sendo isso, caímos reiteradamente na armadilha de reproduzir as imagens, o que, de fato, não corresponde ao funcionamento discursivo sonoro e imagético das audiovisualidades.

Figura 1  
Videoclipe oficial  
Girl from Rio



Por isso, vale a pena, agora, neste momento, fazer uma pausa na leitura e ouvir *Girl from Rio*, usando o QR Code que dá acesso ao videoclipe oficial, e observar como as sequências audiovisuais se encadeiam, que memórias elas suscitam, que políticas ela defende, de que modo o corpo é dado a ver, como o corpo é colocado em cena, em que circunstâncias, em que espaços. Tudo isso virá ao som da melodia tão conhecida de outra canção, *Garota de Ipanema*, mas é bom, enquanto analista, já estar atento a essas estratégias de discursivização.



Travaremos no clipe um encontro com três grandes eixos teóricos: a experiência (FOUCAULT, 2005; MILANEZ, 2013), a atualidade do audiovisual (FOUCAULT, 2008; MILANEZ, 2019) e a questão do presente (FOUCAULT, 2010). Me aproveito dessas três noções que foram problematizadas por Foucault para pensar como fazemos uma certa experiência de nós mesmos ao assistirmos o clipe de Anitta. Quero dizer, como nos identificamos ou não com um modo de vida das sexualidades que nos coloca diante de nós mesmos. Isso nos faz questionar o sentido que podemos dar as nossas condutas afetivo-sexuais e me leva a problematizar como essas condutas fazem partes de estratégias mais gerais ligadas a práticas, instituições e modelos de condutas. A meu ver, pensar essas questões, a partir das audiovisualidades deste clipe da Anitta, nos joga direto à maneira como estamos vivendo nosso presente e nos interroga acerca de um declínio, às vezes de um progresso, às vezes de uma crise sobre como vivemos nossa corporalidade sexual. Aqui, chegamos diante de uma questão ao mesmo tempo filosófica e histórica. Quais modos de condução estamos tomando neste presente para nossos corpos? Se questionar desse modo é se lançar na prática de uma cultura de si com alguma pedagogia que diz o que temos de fazer; e, também, como podemos nos liberar de certos preceitos que servem para reiterar normas disciplinares para o corpo.

### **AUDIOVISUALIDADES: PERGUNTA-MÉTODO E SEXUALIDADE**

O conjunto experiência-corpo-presente vai realçar e fazer circular saberes que já conhecemos, mas que são importantes que se repitam. Vou mostrar, então, como as audiovisualidades deste clipe ao mesmo tempo reforçam ainda ideários sexistas dos anos 1960 e, também como, diferentemente, propõem



ações políticas para um corpo sexual com vistas à diversidade sexual e afetiva. Essa luta social entre uma biopolítica mais libertária do sexo entre uma pedagogia muitas vezes defeituosa se dá em meio a uma relação erótica do corpo, do corpo consigo mesmo e com o corpo do outro. Esse modo de viver as audiovisualidades está em consonância com a cultura de si, mostrando como o ‘si’ se constitui, nas palavras de Foucault (2015), de uma ambição política, uma pedagogia insuficiente e uma relação erótico-filosófica.

Tal tripé constituinte de um si constitutivamente político, deixa entrever uma história nossa, própria, dando a possibilidade de se pensar no quadro de uma pequena e breve história da sexualidade no Brasil, agora, neste presente, um recorte sob uma lente midiática de recorde em plataforma digitais, bastante específica, mas não reduzida por se tratar de apenas um clipe, pois este clipe arrasta consigo um arquipélago de memórias de audiovisualidades que nos são comuns, como vou demonstrar adiante.

Me coloco como método, portanto, uma questão, foucaultiana, “Qual diferença se introduz hoje em relação a ontem?” (FOUCAULT, 2008, p. 337), que acena para o batimento entre passado e presente. Isso não quer dizer retomar o passado para ficar ali, preso, mas para reconhecer o que foi recalcado historicamente, o que foi atualizado como um novo acontecimento, que deslocamentos institucionais e sociais o presente possibilitou, e aí sim, apresentar o que o presente revela em relação ao passado. Com essa pergunta-método creio que é possível pensar no significado histórico e filosófico do momento em que as audiovisualidades de *Girl from Rio* emergem e que tipos de discurso elas deixam proliferar. Assim, o como vou situar esse pequeno quadro de uma história da nossa sexualidade em audiovisual é mostrando de que modo uma produção de



saber dos anos 1960 impacta na nossa erótica cotidiana, em relação com nossos próprios corpos e dos outros a nosso redor.

Antes ainda de colocar alguns fenômenos históricos e de memória que o clipe da Anitta ora reafirma, ora questiona, ora avança nas questões do corpo e da sexualidade, tenho de explicar que estou considerando esse exemplar de audiovisualidades para refletir sobre nossas condutas sexuais como uma experiência que não é apenas pessoal, mas que atravessa outros ângulos teóricos, dentro dos pontos levantados por Foucault (1984, p. 10) ao descrever seu projeto da história da sexualidade, explicando que “O projeto era, portanto, de uma história da sexualidade enquanto experiência - se entendermos por experiência a correlação, na cultura, entre campos do saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade”. Três pontuações me guiam nessa fala de Foucault, apontando para a questão do presente da experiência.

O primeiro elemento é mostrar em que campo do saber a história da sexualidade que Anitta conta nos situa. Com isso quero dizer quais são as condições de possibilidade que o discurso que esse clipe promove encontram para poder circular. Feito isso, em segundo lugar, quero destacar algumas formas de normatividade no campo pedagógico das condutas do corpo sexual e, daí, questionar e também reivindicar algumas formas de subjetividade que as audiovisualidades do clipe integram, algumas velhas subjetividades, outras novas. Finalmente, em um terceiro ponto, preciso dizer que quando digo Anitta não se trata da pessoa, mas da persona, do sujeito, da instituição social midiática-neoliberal que ela toma enquanto o lugar histórico do qual fala.

## NORMATIVIDADES SOBRE O CORPO

*Girl from Rio* tem uma proposta crítica em relação ao quadro histórico da produção de saber sobre o corpo da grande música de sucesso, *Garota de Ipanema*, canção composta por Tom Jobim, com letra de Vinícius de Moraes, lançada em 1962, que projetou a Bossa Nova no mundo, conhecida internacionalmente, inclusive como música de elevador fora do Brasil, tamanha sua circulação. A musa da canção é Helô Pinheiro, carioca, que ficou também mundialmente conhecida, descrita na letra da canção como *a moça do corpo dourado do sol de Ipanema*.



Figura 2:  
Cartão postal de garotas  
na praia de Copacabana  
nos anos 1970/1980

E aqui basta para se fixar de que maneira os efeitos daquele corpo se desdobraram no que diz respeito à mulher brasileira. Tomo como exemplo apenas alguns cartões postais nas praias cariocas dos anos 1970 que mostravam o corpo de mulheres com seus biquínis fio dental, corpos sem rosto, bundas no lugar da identidade facial, esvaziamento de nomes, afetos e individualidades.

Não tardou para que esse tipo de veiculação chegasse à deflagração de um turismo sexual no Brasil, atingindo em nosso presente, adolescentes e

crianças vítimas da exploração e abuso sexuais. Houve proibição dos cartões, mas a sexualização do corpo da mulher brasileira e sua conseqüentemente gratuidade sexual correu o mundo e afeta a dignidade humana. Chamo essa empreitada, para tomar de empréstimo uma expressão de Michel Foucault, de “pequena pedagogia”, uma maneira de ler as sexualidades como um texto nele mesmo, fechado em si, como se o corpo do cartão postal fosse um tipo de textualização exaurida de singularidade, oca de afeto, vazia de amor, de amor a si, uma prática na qual o sujeito se volta a si para se compreender e entender seu papel no mundo. Enfim, ali nos cartões postais, com sua circulação sexualizada e objetificada, temos um esvaziamento da vida do corpo.



Figura 3  
Cartão postal de garotas  
na praia de Copacabana nos  
anos 1980

Essa volta ao passado é necessária para se problematizar as condutas da cultura de si sobre o corpo hoje. E hoje essa pedagogia não cessa de violentar os corpos e subjuga-los a uma prática exclusivamente sexual disfarçada em ditadura da beleza. Nessa envergadura, podemos ver dois momentos na história brasileira que se unem em um só na linha do tempo. Como exemplo, cito um vídeo com Helô Pinheiro dos anos



1960, que vincula a ideia de um corpo perfeito à beleza da natureza das praias cariocas.

Figura 4  
Helô Pinheiro –  
Canal 100



As matrizes de conduta para uma estética social brana, magra e burguesa são materializadas nesse vídeo, servindo, aliás, de molde para os cartões postais dos quais falei acima. Dê uma olhadinha no vídeo, o QR code direciona direto para ele. Na mesma linha, o desfile da Gisele Bündchen na abertura dos Jogos Olímpicos no Rio, em 2016, ao som de *Garota de Ipanema*, retomando, depois de cinco décadas, mais uma vez a voz chauvinista de Vinicius de Moraes, (quem não conhece o famigerado *Que me perdoem as feias, mas beleza é fundamental*), que se fortalece para além da letra da canção em sua dita poesia. Veja o desfile da Bündchen, usando o QR code de acesso ao vídeo.

Figura 5  
Gisele Bündchen nas  
Olimpíadas do Rio



Podemos observar na corrente desses encadeamentos um conjunto de sentidos que divulgam e instauram uma pedagogia de normas de como

o corpo deve ser belo, jovem, esguio, branco, desenvolto sempre aos olhos de um discurso cristão da boa parideira, prevista para a procriação e suas subsequentes funções maternais impostas sob o sacrifício de si mesma. No final, o saber que se promove responde ao conservadorismo de um dispositivo que faz atravessar beleza com maternidade, sucesso, família, tudo no sentido mais restrito, retrógrado e antiquado possível, violento, sobretudo, com o bloqueio da vidas nas diversidades.

Então, me pergunto, como as audiovisualidades do clipe da Anitta reagem a esse movimento, ao reconfigurar, hoje, a letra e as imagens de *A garota de Ipanema* em *Girl from Rio*? Num primeiro momento, o clipe reproduz uma norma do corpo sexual na própria figura da Anitta. Ela faz do clipe um chamariz sexual sobre seu corpo, retomando o papel das nádegas dos anos 1960-1980. Nesse sentido, o clipe serve para instaurar normas pedagógicas sobre o corpo na mesma linha do projeto anterior da Bossa Nova. Sabemos bem que esse gesto visual sexual é um apelo neoliberal da música pop para criar a ilusão de que se pode fazer com seu corpo o que quiser e do modo que quiser.

Num segundo momento, por outro lado, não podemos entender aqui esse corpo separado da história que o precedeu, que foi um momento de opressão e violentação do corpo da mulher, que se estende à atualidade de questões e manifestações assassinas apoiadas por esse sistema patriarcal da 'beleza é fundamental', no quadro dos feminicídios, das homofobias, das transfobias. Em contradição a essa posição, entendo também que o poder que se exerce sobre o corpo tem sua positividade e o videoclipe de Anitta busca apontar uma saída por outros caminhos.

## O CORPO E NOVAS FORMAS DE SUBJETIVIDADE?

O corpo supliciado da mulher com *Garota de Ipanema* é, em *Girl from Rio*, revitalizado. De imediato, temos o momento da vingança. Fazer do corpo do homem também um objeto fetiche e sexual. Observamos isso na focalização dos *closes* sobre o corpo dos homens no clipe, que insistem em mostrar seus músculos e sua genitália, como já fora feito com as imagens das garotas de Ipanema. Nessa rede de corpos em contraste, um lampejo de contradiscurso aparece dentro mesmo da norma que o clipe veicula: o corpo do homem passa a servir à mulher e com isso a estrutura de utilidade do corpo se volta novamente ao corpo sexual. Desse jeito, o clipe oscila entre propor uma igualdade entre os gêneros e insistir nos antigos moldes de sujeição a um corpo sexual, e avança como forma de resistência, porque não apenas reproduz essa atitude de enfrentamento corpo a corpo, mas denuncia a proposta de objetificação e esgotamento do corpo sexuado.

Figura 6

Cena de *Girl from Rio*.  
Anitta mostra o bumbum



Figura 7

Cena de *Girl from Rio*. Focalização do tórax e da genitália masculinas



Vencida essa etapa de normatização pedagógica nas filigranas dos anos 1960, há momentos no clipe em que a cultura de si que se desdobra sobre o corpo reivindica para si também um lugar diferente do que já foi no passado, um lugar do corpo diferente à massificação pela qual ele passou com a canção de Tom Jobim. Nesses momentos, o clipe demonstra um tipo de governo diferente do que o proposto pelos desencadeamentos de *Garota de Ipanema*.

A ruptura com esse posicionamento antigo irrompe com a enunciação da vocalização na canção com *Let me tellyouabout a different Rio* [Deixe-me te contar sobre um Rio diferente]. Essa sequência enunciativa tem em seu núcleo o *diferente*, a introdução da mudança, da mutação dos olhares, empreendida por meio de um cuidado de si, um olhar generoso do sujeito sobre si mesmo, ocupando-se consigo à medida que engendra uma ação política sobre a administração social dos corpos. Foucault (2006, p. 94) nos explica que “ocupar-se consigo terá por efeito - como sentido e como finalidade - fazer do indivíduo que se ocupa consigo mesmo alguém diferente em relação à massa, à maioria, a estes hoipolloí que são, precisamente, as pessoas absorvidas na vida de todos os dias”. Pensando com Foucault, vislumbro a possibilidade de o sujeito, ao se defrontar consigo próprio, em sua interioridade, fazer frente ao exterior que lhe dita modos de vida nem sempre convenientes, além da iluminação sobre os fatos que nos mobilizam dia a dia, em nosso cotidiano.

Nesse sentido, observo como a imagem de mais outro cartão postal sexualizante e objetificante dos anos 1970 - no qual vemos um grupo de mulheres deitadas de costas, na praia, tomando sol, com ênfase na sequência de bumbuns que a posição delas, uma ao lado da outra, cria - vai assumir contornos históricos diferenciados. O corpo da mulher em *Girl from Rio* visa agora enfatizar as diferenças nas subjetividades, insiste nas desnormatização

dos corpos da mulher, mostrando inúmeras curvas, um grupo de tons de pele variados, modos de portar diversos dos cabelos, fugindo à norma do corpo da mulher bronzeada, mas branca, afortunada e do lar, de papo para ar na praia.

Figura 8

Garotas na praia de Ipanema



Figura 4

Cena do videoclipe Girl from Rio



## DESPEDAGOGICAÇÃO DO CORPO SEXUAL

Os corpos mostrados no clipe, apesar da diversidade racial, estão calcados na norma de um corpo padrão modelar, digo a de modelos, como o corpo da Anitta mesmo, que assume o lugar autorizado que permite que corpos outros tenham visibilidade. Temos aí um sistema de escalonamento de corpos que até agora parecem funcionar como um limite para novas subjetividades.

Tendo essa composição baseada em um certa contradição que responde à normalização de um tipo de corpo, o clipe em seu encadeamento dá lugar à diversidade dos corpos em sua realidade social e histórica, sem interditar, excluir ou buscar padronizar, massificartodos os corpos. Nesse sentido, a promoção do discurso da beleza em *Girl from Rio* não limita a um tipo específico de corpo, amplia, entretanto, o quadro geral

das possibilidades e modo de vidas corporais. E não se trata apenas do corpo da mulher, o corpo do homem também é mostrado de modo diverso ao longo do clipe, ainda que saibamos que as condições de produção da imagem do corpo do homem e da mulher sempre tenham seguido linhas sexuais muitos diferentes.

Como resultado, temos sim, de um lado, uma diversidade cultural de corpos, mas de outro fica o engasgo de que essa possibilidade de visibilidade tenha que ter tido de passar por um corpo normatizado como um prefácio afirmativo de que aqueles corpos possam ocupar o mesmo espaço. Esse é *um* viés da questão. O *Outro* possível é que o corpo normatizado, modelar, e sobretudo, inventado, aquele que sempre serviu como matriz de conduta, convive ao lado dos corpos reais, que são os nossos corpos mesmos, pessoais, com os quais dormimos e acordamos. Seria esse mais um desenlace da positividade do poder?

De toda forma, entendo que as audiovisualidades do clipe estão presas à rede de um discurso politicamente correto sobre o corpo hoje, mas que, ao afrontar o discurso estabelecido pelo desgaste do corpo-afeto em *Garota de Ipanema*, as audiovisualidades de Anitta apresentam materialidades de desobediência em relação ao passado. Essa é a via libertária para colocar o corpo do homem em reduplicação aos gestos sempre socialmente atribuídos ao corpo da mulher, como na sequência do homem que se regozija sobre a areia da praia à beira do mar, um ***Boy from Rio***, eu poderia dizer, que desvela os entornos dos deslocamentos pelos quais o corpo passa, fato reiterado por Foucault (2013, p. 14), ao nos alertar para a realidade de que “Meu corpo está, de fato, sempre em outro lugar, ligado a todos os outros lugares do mundo”.

Figura 9  
Take de Girl from Rio. Homem negro deitado na praia



Figura 10  
Imagem aleatória do Google  
imagens de mulher deitada na praia



Para observarmos a ligação do corpo com outros lugares do mundo não precisamos ir longe. O clipe nos apresenta sequências em que homens são colocados na mesma posição que as mulheres, falo tanto no modo de modelar o corpo quanto seu lugar social. Outra incursão histórica da repetição de imagens de mulheres deitadas na areia da praia com os cabelos para o lado, inscrevendo-se sempre naquele lendário quadro da sereia, é resgatada pela memória das imagens em sua intericonicidade (COURTINE, 2013; MILANEZ; 2013; 2015) materializada na sequência do clique em que vemos o boy negro deitado na borda do mar, na mesma pose das celebradas sereias. Tal engajamento recostura a rede da história e instaura o nascimento do sereio do Piscinão de Ramos, em cada mergulho seu um flash. Esse movimento de história da memória das imagens empreende ato de prática libertária para os corpos que ensejam por liberdades sexo-afetivas no clipe e na vida.

Observo, na continuidade, pelo menos mais outra sequência relevante para se falar da despedagogização do corpo. Me refiro à cena em que Anitta anuncia que tem um novo irmão. O verso da canção verbaliza, *Anittahasanother brother*, anunciando como um extra de última hora, uma notícia quente,

a de que Anitta descobre realmente que tem um irmão por parte de pai. A sequência do clipe ironiza a foto da família padrão perfeita, com Anitta de lenço na cabeça o mais novo irmão em pé a seu lado, e os pais sentados a frente. Ali se estabelece uma quebra do paradigma para o corpo sexual, aquele corpo do “dispositivo de aliança” (FOUCAULT, 1988, p. 100), que atrela a mulher às regras e obrigações do matrimônio.

Nesta sequência, o clipe desobedece a norma dogmática da “célula familiar” (FOUCAULT, 2001, p. 316), com seus fôlegos sobre o catecismo da fidelidade e da família tradicional. O clipe discursiviza como as famílias podem se desdobrar em novas ordens de vida, novos amores e enuncia que os corpos não estão encarcerados a uma obrigação cristã da carne e da aliança definitiva e culpabilizante. Certamente, temos aqui a presença de uma forma de subjetividade que sempre existiu e que precisa ter seu lugar ao sol, o lugar da democracia dos prazeres e da constituição dos laços entre os sujeitos. A pedagogia do corpo, portanto, se abre para uma arte do corpo como invenção de si por si.

## **PARA UM FIM: O PREENCHIMENTO DO EU NO OUTRO**

A nova garota de Ipanema, transfigurada em garota do Piscinão de Ramos, fala de um lugar social da vida em que as pessoas importam. O clipe parece deslocar a ideia de governo no qual o mestre é a figura social da Anitta, que, tendo podido ocupar-se consigo, tendo se calculado como sujeito, pode mostrar quem mais está ali consigo. Isso corrobora o fato de que em nosso presente temos de ter ainda um mestre, aqui, uma mestra da pedagogia, a dona do corpo escultural e da beleza que reza as leis e tem a força para promulgar uma política dos corpos diferente daquela que já tivemos. Com isso, até parece, por um lado, não haver, portanto, um discurso fora da norma do corpo do sexo. Mas,

fora do clipe, aqui do nosso lado, o mundo do corpo que existe e se firma é o do corpo outro, diferente do corpo da Anitta. Nós, sim, é que não temos corpo de modelo e que estamos fazendo a história de nossas próprias sexualidades. Sim, a gente de toda forma, neste presente, parece ainda precisar ser autorizado pelo corpo de modelo da Anitta, mas o modo de constituição de *Girl from Rio*, partindo da norma e apresentando o real dos corpos, que não são normatizados, desestabiliza o lado daquela ordem corporal que o clipe apresenta, de modo pedagógico, desconstruindo a norma, deixando as subjetividades fluir.

A possibilidade que os corpos do clipe apresenta, sejam eles normatizados ou desnormatizados, não se impõem a nós como uma regra. Pelo menos não os tomamos assim. Não cabe, portanto, a mim dizer qual foi a intenção do clipe em utilizar esse ou aquele recurso, mas me cabe avaliar como nós, sujeitos, reagimos ao clipe e como, com nossa força criativa, pudemos transformar o passado e dar voz a nós mesmos a partir do discurso do clipe, do discurso do outro. Por isso, em forma de humor, rindo de qualquer autoridade que possa ser imposta, o meme do ônibus da Anitta singulariza a posição de cada um face a sua presença no mundo.

Figura 11  
Imagem de divulgação  
de *Girl from Rio*



Figura 12

Même de Girl from Rio



Anitta na frente de um ônibus, que a levará para a praia, serviu de imagem para a divulgação do clipe. Essa imagem foi pelos fãs repetida em várias formas, reduplicações que produziram um acontecimento sobre a diversidade dos corpos. Esse mecanismo de mostrar a vida pulsando da massa que precisa mostrar que não é somente a reprodução da sopa Campbell, veio em nós do eco de Foucault (2006, p. 158), para quem “O outro ou outrem é indispensável na prática de si a fim de que a forma que define esta prática atinja efetivamente seu objeto, isto é, o eu, e seja por ele efetivamente preenchida.”. Não dá para negar como o outro se faz presente no processo de subjetivação de nossos corpos, mas, no final, hoje em dia, temos vencido a imposição de todos os outros corpos que nos constroem para produzirmos nossos corpos outros, muitos, imensos, cheios, de recheios, daquilo que acreditamos ser o nosso corpo, para cairmos em ‘si’. O fim de um videoclipe é sempre o começo de uma problematização.



## REFERÊNCIAS

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault.** Tradução Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. Aula de 13 de janeiro de 1982. In: **A Hermenêutica do Sujeito.** Tradução de Márcio Alves da Fonseca, Salma TannusMuchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 83-100.

FOUCAULT, Michel. Aula de 27 de janeiro de 1982. In: **A Hermenêutica do Sujeito.** Tradução de Márcio Alves da Fonseca, Salma TannusMuchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 155-184.

FOUCAULT, Michel. Aula de 5 de janeiro de 1983 – segunda hora. In: **O Governo de Si e dos Outros: curso no Collège de France (1982-1983).** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. Aula de 5 de março de 1975. In: **Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975).** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **O Corpo Utópico, as Heterotopias.** Posfácio de Daniel Defert. Tradução Salma TannusMuchail. São Paulo: n-1Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. O dispositivo de sexualidade. In: **História da Sexualidade I: vontade de saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. p. 73-109.

FOUCAULT, Michel. **O que é a Crítica?** seguido de A Cultura de Si. Tradução Pedro Elól Duarte. Lisboa: Texto e Grafia, 2015.



FOUCAULT, Michel. O Que São as Luzes? In: **Ditos e Escritos II**: Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. Resposta a Derrida. In: **Ditos e escritos I**: problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução Vera Avellar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.p. 243-257.

MILANEZ, Nilton. **Audiovisualidades**: elaborar com Foucault. Londrina: Eduel; Guarapuava: Ed. Unicentro, 2019.

MILANEZ, NILTON. Intericonicidade: da repetição de imagens à repetição dos discursos de imagens. **Acta Scientiarum**. LanguageandCulture (Impresso), v. 37, p. 197-206, 2015.

MILANEZ, Nilton. Intericonicidade: funcionamento discursivo da memória das imagens. **Acta Scientiarum**. LanguageandCulture (Online), v. 1, p. 345-355, 2013.

MILANEZ, Nilton. Materialidades da paixão: sentidos do olhar para uma semiologia do corpo. In: SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos, CURCINO, Luzmara. (Org.). **Discurso, Semiologia e História**. São Carlos: Claraluz, 2011. p. 100-117.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovezani. São Carlos: Clara Luz, 2005.